



PROJETO CAIXA DAS ETNIAS – EU FAÇO PARTE DA HISTÓRIA: CONECTANDO CULTURA, TECNOLOGIA E APRENDIZAGEM¹

Paiva, Tatyana Ribeiro - Sesi-Sp Educação²

¹ Projeto de ensino desenvolvido no âmbito do Sesi-SP Educação. Não houve financiamento externo.

² PAIVA, Tatyana Ribeiro - Sesi-SP Educação. E-mail: tatyana.paiva@sesisp.org.br

RESUMO

O projeto Caixa das Etnias – Eu Faço Parte da História: Conectando Cultura, Tecnologia e Aprendizagem, desenvolvido com estudantes dos 3ºs anos do Ensino Fundamental I, teve como objetivo promover reflexões sobre a diversidade étnica da sociedade brasileira, com ênfase nas culturas africana, indígena e europeia. Alinhado ao Movimento do Aprender – SESI-SP Educação, a proposta teve como ponto central o uso do espaço maker (FabLab), ambiente que inspira e conecta, demonstrando como o realizar pedagógico pode ser dinâmico, criativo e transformador. Nesse espaço, os estudantes participaram ativamente de processos de investigação e criação, propondo soluções para desafios reais por meio da fabricação digital. Foram elaboradas caixas em MDF para guardar a história construída sobre as etnias estudadas, incluindo bonecos confeccionados com colheres de pau, brinquedos típicos, alimentos simbólicos e fichas informativas sobre culinária e brincadeiras tradicionais. A proposta envolveu também atividades de leitura, produção de textos e interpretação na área de Língua Portuguesa, realizadas em parceria com a professora da disciplina, além de organização de dados, medidas e proporções na área de Matemática, estudos sobre território e localização em Geografia, e observações sobre hábitos alimentares e ambientais em Ciências da Natureza. Essa abordagem interdisciplinar favoreceu a autonomia, a cooperação e o pensamento crítico.

Palavras-chave: Diversidade étnica; Tecnologia educacional; Conexões e protagonismo.

INTRODUÇÃO

A sequência didática envolveu levantamento de conhecimentos prévios, contação de histórias e rodas de conversa sobre as etnias africana, indígena e europeia. Alinhado ao Movimento do Aprender – Sesi-SP Educação, o projeto teve como eixo o espaço maker (FabLab), que estimulou a criatividade, a colaboração e o protagonismo dos estudantes. Nesse ambiente, foi criada a Caixa das Etnias, conectando cultura, ciência, tecnologia e sociedade.

DESENVOLVIMENTO E/OU REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

A metodologia do projeto baseou-se em uma abordagem interdisciplinar e investigativa. Os estudantes exploraram a diversidade étnica brasileira, com foco nas culturas africana, indígena e europeia, articulando saberes de diferentes áreas. O espaço maker foi essencial como ambiente criativo. Conforme aponta Zabala (1998), é fundamental que o processo educativo considere o contexto sociocultural dos alunos, promovendo situações que estimulem a construção ativa do conhecimento. Schon (2000) propõe a ideia de um educador que reflete continuamente sobre sua prática, ajustando suas estratégias pedagógicas às necessidades específicas dos estudantes. Garofalo (2024) destaca que os espaços maker são ambientes que incentivam a criatividade e a inovação. As Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2004) orientam a inclusão da história e cultura afro-brasileira e indígena no currículo escolar. O Movimento do Aprender valoriza metodologias ativas, interdisciplinaridade e protagonismo estudantil.

DISCUSSÃO

A matriz africana contribuiu com saberes ancestrais, religiosidade, culinária e expressões artísticas. A matriz indígena trouxe conhecimentos sobre a relação com a natureza, técnicas agrícolas e línguas originárias. A matriz europeia influenciou a língua portuguesa, o cristianismo e a organização social. A valorização dessas três matrizes é essencial para compreender a formação da identidade brasileira e promover uma educação antirracista e inclusiva.

DISCUSSÃO

A Caixa das Etnias proporcionou um ambiente educacional mais inclusivo e consciente. A criação de fichas informativas, caixas em MDF e bonecos representativos estimulou o respeito às diferentes culturas. Durante as atividades, observou-se o engajamento dos estudantes em todas as etapas do projeto. A construção dos materiais foi acompanhada por relatos espontâneos sobre suas origens e percepções sobre diversidade. Ao vivenciar múltiplas formas de expressão e interpretação, os alunos ampliaram sua compreensão sobre a diversidade cultural e as relações entre ciência, tecnologia e sociedade.

A proposta também evidenciou a importância do protagonismo estudantil, da escuta ativa e do trabalho em grupo como pilares para uma educação transformadora. Ao serem incentivados a expressar suas ideias, ouvir os colegas e colaborar na construção dos materiais, os estudantes desenvolveram competências socioemocionais essenciais, como empatia, respeito, responsabilidade e cooperação.

O material didático do Sesi-SP, alinhado à BNCC e ao Movimento do Aprender, favorece a interdisciplinaridade, o protagonismo e o uso de tecnologias educacionais, contribuindo para

uma aprendizagem significativa.

Garofalo (2024) enfatiza que os espaços maker são ambientes que promovem inovação, criatividade e protagonismo estudantil, conectando teoria e prática de forma significativa.

Schon (2000) introduz o conceito de ‘profissional reflexivo’, que adapta suas estratégias às necessidades dos estudantes, promovendo uma educação mais sensível e eficaz.

Zabala (1998) defende que a prática educativa deve considerar o contexto do aluno, promovendo situações que estimulem a construção ativa do conhecimento.

Freire (1996) propõe que a educação deve ser um instrumento de libertação, promovendo a consciência crítica e o respeito às diferenças, especialmente em contextos de diversidade étnica.

Krenak (2019) destaca que os povos indígenas possuem uma visão de mundo interdependente, onde natureza e humanidade coexistem em equilíbrio, sendo essa perspectiva fundamental para a educação ambiental e cultural.

Segundo Munanga (2006), a presença africana no Brasil é constitutiva da identidade nacional, sendo essencial reconhecer suas contribuições culturais, religiosas e sociais para a formação do povo brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto Caixa das Etnias demonstrou como a educação pode ser transformadora ao integrar cultura, tecnologia e aprendizagem ativa. A valorização das matrizes africana, indígena e europeia permitiu aos estudantes compreenderem a complexidade da formação brasileira e desenvolverem competências como empatia, respeito à diversidade e pensamento crítico.

A abordagem interdisciplinar, aliada ao uso de metodologias ativas e espaços inovadores como o FabLab, revelou o potencial dos estudantes como protagonistas de suas histórias. Ao construir suas caixas, eles não apenas guardaram objetos, mas também memórias, saberes e afetos que os conectam à história do Brasil e ao seu papel como agentes de transformação.

A produção de vídeos e a Mostra Etnias: Eu Faço Parte da História ampliaram o alcance do projeto, promovendo o diálogo com a comunidade escolar e fortalecendo o vínculo entre escola e sociedade. O uso da tecnologia como ferramenta de expressão e investigação favoreceu a autonomia dos estudantes e estimulou a aprendizagem criativa.

O projeto está profundamente alinhado ao tema do III Congresso Internacional de Educação SESI-SP – ‘Conexões e Conhecimento Integrados: Educação em um Mundo em Movimento’, ao promover conexões entre saberes, culturas e práticas pedagógicas inovadoras.

3.1 Aprofundamento das Matrizes Étnicas

A matriz africana é marcada por uma profunda herança cultural e histórica que resiste ao apagamento imposto pela escravidão e pelo racismo estrutural. Segundo Munanga (2006), os povos africanos trouxeram ao Brasil saberes que vão da religiosidade à medicina tradicional, passando pela culinária, música e organização social. A pedagogia decolonial, como propõe Walsh (2009), convida a reconhecer esses saberes como legítimos e fundamentais para uma educação plural e antirracista. A valorização da ancestralidade africana é um ato político e educativo que combate a invisibilização histórica e promove o reconhecimento da identidade afro-brasileira.

A matriz indígena representa os saberes originários que antecedem a colonização. Krenak (2019) destaca que a cosmovisão indígena é pautada pela interdependência entre seres humanos e natureza, pela oralidade e pela coletividade. Esses saberes são essenciais para a construção de uma educação ambiental e culturalmente sensível. A BNCC reconhece a importância de valorizar os

conhecimentos dos povos originários como parte da formação cidadã. Autores como Bartolomé de Las Casas e Darcy Ribeiro reforçam a urgência de preservar e respeitar essa diversidade.

A matriz europeia trouxe elementos estruturantes como a língua portuguesa, o cristianismo e o sistema jurídico, mas também impôs processos de dominação e apagamento cultural. Paulo Freire (1996) alerta que a educação deve ser um instrumento de libertação, capaz de promover a consciência crítica sobre os impactos da colonização. A abordagem crítica da matriz europeia permite compreender suas contribuições e contradições, promovendo uma leitura ética e histórica da formação brasileira.

4.1 Espaço Maker, Tecnologia e Interdisciplinaridade

O espaço maker (FabLab) nas escolas do SESI-SP representa uma revolução pedagógica. Como destaca Garofalo (2024), esses ambientes promovem inovação, criatividade e protagonismo estudantil, conectando teoria e prática de forma significativa. No projeto Caixa das Etnias, o FabLab foi essencial para que os estudantes criassem materiais representativos das culturas estudadas, como bonecos, brinquedos e fichas informativas, utilizando ferramentas de fabricação digital.

O uso da tecnologia na educação não se limita ao acesso a dispositivos, mas envolve a construção de conhecimento por meio de metodologias ativas. O Movimento do Aprender – SESI-SP Educação valoriza essa abordagem, promovendo autonomia, colaboração e pensamento crítico. A tecnologia, nesse contexto, é mediadora de experiências significativas e transformadoras.

O material didático do SESI-SP, alinhado à BNCC, favorece a interdisciplinaridade e o protagonismo estudantil. Ele permite que os conteúdos sejam trabalhados de forma integrada, conectando áreas como Ciências Humanas, Matemática, Língua Portuguesa e Tecnologia. Zabala (1998) defende que a prática educativa deve considerar o contexto do aluno, promovendo situações que estimulem a construção ativa do conhecimento. Schon (2000) complementa ao propor o conceito de ‘profissional reflexivo’, que adapta suas estratégias às necessidades dos estudantes.

A formação do povo brasileiro é marcada pela confluência de três grandes matrizes étnicas: africana, indígena e europeia. Cada uma dessas culturas contribuiu de forma singular para a construção da identidade nacional, influenciando aspectos linguísticos, religiosos, alimentares, artísticos e sociais. Trabalhar essas etnias em sala de aula, especialmente com estudantes, exige uma abordagem sensível, lúdica e crítica, capaz de despertar o interesse e a empatia dos estudantes.

Segundo Munanga (2006), a matriz africana é frequentemente invisibilizada nos currículos escolares, apesar de sua importância histórica e cultural. A ludicidade, nesse contexto, torna-se uma ferramenta poderosa para resgatar saberes ancestrais e promover o reconhecimento da cultura afro-brasileira. A construção de bonecos, a exploração de brinquedos típicos e a produção de vídeos são estratégias que permitem às estudantes vivenciar e valorizar essa herança.

Ailton Krenak (2019) destaca que os saberes indígenas são transmitidos por meio da oralidade, da convivência e da relação com a natureza. Ao trabalhar com narrativas, brincadeiras e alimentos simbólicos, os estudantes acessam uma dimensão lúdica que favorece a compreensão da cosmovisão indígena, baseada na coletividade e na sustentabilidade. Essa abordagem contribui para a formação de uma consciência ambiental e social crítica.

A matriz europeia, embora predominante na estrutura institucional brasileira, também deve ser analisada com profundidade. Paulo Freire (1996) propõe que a educação seja um espaço de libertação, onde os estudantes possam compreender os processos históricos de colonização e refletir sobre seus impactos. A ludicidade, nesse caso, permite explorar os costumes europeus sem reproduzir estereótipos, promovendo uma leitura ética e contextualizada da história.

As atividades desenvolvidas no projeto seguiram as orientações didáticas

do Movimento do Aprender – SESI-SP Educação, que propõe metodologias ativas, interdisciplinaridade e protagonismo estudantil. Os exercícios sugeridos pelo material didático conceituaram e problematizaram o tema, oferecendo aos estudantes oportunidades de aprendizagens contextualizadas. A dimensão lúdica das atividades — como a criação de vídeos, jogos, dramatizações e construção de materiais — favoreceu a expressão criativa e o posicionamento crítico dos alunos diante da diversidade étnica brasileira.

A aprendizagem colaborativa, promovida entre os diferentes pares, fortaleceu o respeito às diferenças, a escuta ativa e a construção coletiva do conhecimento. Schon (2000) e Zabala (1998) reforçam que a prática educativa deve ser reflexiva e situada, considerando o contexto dos estudantes e promovendo experiências significativas. Ao integrar cultura, tecnologia e ludicidade, o projeto Caixa das Etnias reafirma o compromisso com uma educação inclusiva, crítica e transformadora.

Os estudantes trouxeram consigo uma bagagem formada por conceitos adquiridos ao longo de suas vivências, carregados de afetos, valores e experiências pessoais. Essa dimensão subjetiva do conhecimento é essencial para a construção de uma aprendizagem significativa. Freire (1996) afirma que o ato de educar deve partir da realidade do educando, respeitando sua história, cultura e saberes prévios. Ao reconhecer e valorizar essa bagagem, o projeto promoveu uma escuta ativa e sensível, permitindo que os alunos se expressassem com liberdade e autenticidade.

Zabala (1998) reforça que o contexto sociocultural dos estudantes deve ser considerado na prática educativa, pois é nele que se constroem os sentidos e significados do aprendizado. Schon (2000) complementa ao propor que o educador seja um profissional reflexivo, capaz de adaptar suas estratégias pedagógicas às necessidades e potencialidades dos alunos. Munanga (2006) também destaca que a identidade é construída a partir das experiências vividas, e que a valorização da diversidade étnica é um caminho para o fortalecimento da autoestima e da consciência crítica.

Ao compartilhar suas histórias, memórias e percepções sobre as etnias africana, indígena e europeia, os estudantes ampliaram seu repertório cultural e desenvolveram competências como empatia, respeito e pensamento crítico. A construção coletiva do conhecimento, mediada por atividades lúdicas e tecnológicas, favoreceu a integração entre os pares e a formação de uma comunidade de aprendizagem colaborativa.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Brasília: MEC, 2004.

GAROFALO, Débora. Universo maker na educação: estratégias criativas para inovar na sala de aula. São Paulo: Editora Moderna, 2024.

SCHON, D. A. Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2000.

ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SESI-SP EDUCAÇÃO. Orientações didáticas do Movimento do Aprender. São Paulo: SESI-SP Editora, 2018.